3 1761 06185662 1

PQ
9697
C19P64
1872
c.1
ROBARTS

Ralph G. Stanton M.A.

BIBLIOTHECA

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

I

POESIAS SACRAS

DE

ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS

COM AS NOTAS E ADDITAMENTOS

DE

FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER

NOVA EDIÇÃO

PARA USO DAS ESCOLAS PUBLICAS DE INSTRUCÇÃO PRIMARIA
DO MUNICIPIO DA CÔRTE.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA CINCO DE MARÇO

59—Rua d[illegible]jada—59

1872

LIBRARY
AUG 2 2 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

POESIAS SACRAS

ODE I

SOBRE A EXISTENCIA DE DEUS

STROPHE I.

A luz se faça; e subito creada
A luz resplandecendo
A voz ouvia que aviventa o nada:
D'entre as trevas se foi desenvolvendo
O cháos, que estendendo
A horrenda face, tudo confundia,
A terra, e o mar, e os ceos, e a noite, e o dia.

ANTISTROPHE I.

Mas tu quem és, ó cháos tenebroso?
De quem o ser houveste? (1)
De algum Deus por ventura poderoso,
A cujo aceno tu tambem cedeste?
Ou acaso nasceste
De ti mesmo ante o tempo; e a tua edade
Tem por termo e principio a Eternidade?

EPODE I.

Resoa altiva lyra
De novo, entre os meos dedos vencedores,
Dos soberbos altisonos cantares,
Que em seos muros ouviram
A Grecia fertil em saber profundo,
E a bellicosa Capital do mundo.

STROPHE II.

O' necessaria e immortal verdade
Dos seres creadora,
He possivel que, involta em'scuridade,
A par de ti, a vil destruidora
Da ordem, da beldade,
A negra confusão a frente alçasse,
E comtigo, ante o tempo, se avistasse!

ANTISTROPHE II.

Que mortal, da razão as leis pizando,
Igual a natureza
Da ordem, da desordem reputando,
Da fealdade, e divinal belleza,
Da força, e da fraqueza,
Chamou o inerte cháos *existente*
Necessario, qual he o Omnipotente?

EPODE II.

O peito se embravece:
Voraz zelo as entranhas me consome.
Ah! foge, erro feroz, respeita o nome
Daquelle a quem conhece
Por SENHOR o Universo; e em vão gemendo
No abismo, esconde teu furor horrendo.

STROPHE III.

Faze, ó razão, soar a voz augusta
Que as rochas desaferra,
E que as forças do Averno abála, assusta
Escutai, altos Ceos: ergue-te ó Terra,
A fronte desencerra;
Attenta de meos versos a harmonia:
De novos pensamentos a ousadia.

ANTISTROPHE III.

Inda o sceptro quimerico empunhava
O Nada, avassalando
Informe reino, e vão, que dominava
A seo lado o silencio venerando,
E tudo, repousando
No seio incerto e immenso do possivel,
De existir era apenas susceptivel.

EPODE III.

Sómente a Eternidade
Concentrada em si mesma, em si contida,
Em si gozando interminavel vida,
Perenne mocidade,
Com infinitas perfeições brilhando,
Sotopunha os futuros a seo mando.

STROPHE IV.

Ao som de sua voz omnipotente
O possivel se aterra:
O nada se fecunda; e de repente
Atonitos produzem ceos, e terra,
E o espaço que os encerra:
Começa então o tempo pressuroso
A curva foice a manejar iroso.

ANTISTROPHE IV.

As agitadas ondas se separam
Da terra que cobriam,
E no vasto Oceano se abrigaram:
As fructiferas arvores nasciam:
De pennas se vestiam
As animadas aves; e de vida
Animaes de grandeza desmedida.

EPODE IV.

O homem apparece,
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado
Da mulher o semblante lindo e amado.
Por quem morrer parece :
De raios e de luz se rodeava
Phebo, que almo calor a tudo dava.

STROPHE V.

Sem ti, Eterno Ser, ninguem podéra
O véo mysterioso
Que encobre a creação, com mão sincera
Rasgar, e descobrir maravilhoso
Principio luminoso,
Que a origem fecunda da existencia
Do Orbe faça ver, com evidencia.

ANTISTROPHE V.

Tece embora, escriptor endurecido,
Philosopho arrogante,
Extenso fio nunca interrompido
De seres que perecem : se hum instante
Vacillas inconstante,
Sem novo anel prenderes á cadêa,
Do teo mundo desfaz-se até a idéa.

EPODE V.

Abre os olhos, e estende
Do frio norte ao sul tempestuoso,
Ou antes ao lugar onde formoso
O louro sol descende,
Com passo agigantado mede a terra
E com raios a noite escura aterra.

STROPHE VI.

Um pouco te levanta ao firmamento,
Nos astros que o povoam,
Prende o teo vagabundo pensamento:
Conta-os, se a tanto os teos desejos voam:
Ah vê como pregoam (2)
Em voz sonora o nome triunfante
Daquelle que os sujeita a lei constante.

ANTISTROPHE VI.

O verme que no campo resvalando
Ergue a movel cabeça;
A aguia sobre as nuvens remontando,
E do ar retalhando a massa espêssa;
A garganta travêssa
Do leve rouxinol, e o peito forte
Do leão, que esbraveja, e insulta á morte:

EPODE VI.

O mar embravecido,
A terra de mil fructos, que a guarnecem
Toldada, com que as forças reverdecem
Do homem atrevido:
Tudo aponta a suprema Intelligencia,
Adoravel autora da existencia.

STROPHE VII.

Qual o dourado habitador de Quito,
(Morada da crueza,
Onde em ferreo grilhão suspira afflicto
O docil Indio, desgraçada preza
Da Europêa avareza)
Se vê tremer a terra e abrir-se, corre
Fugindo em vão, que entre as ruinas morre:

ANTISTROPHE VII.

Assim vaidoso athêo, que maneatando
A razão, se adormenta;
Se medonho trovão ouve troando,
E irada a natureza um pouco attenta,
Espavorido intenta
Fugir em vão á luz, que úm Deus potente
Por toda parte lhe faz ver presente.

EPODE VII.

Furioso procura
Embrenhar-se em veredas não trilhadas:
Ali de novo afia armas usadas
Com que a razão escura
Abate quasi: até que emfim na morte,
Do Deus, que nega, encontra o braço forte.

STROPHE VIII.

O' tu, reconcentrado immenso Oceano
De desejos ferventes,
Insaciavel coração humano,
Que debalde com ancias sempre ardentes
Forcejas por contentes
Passar da vida fugitiva e escassa
Os momentos, que a Parca ao longe ameaça.

ANTISTROPHE VIII.

Se o cego Pluto todo o seu thesoiro
Desfecha-se brioso,
E te assentasse sobre a prata e oiro,
Que nelle encerra; se Mavorte iroso (3),
Guerreiro mentiroso,
De loiro em mil conquistas te c'roasse,
E a teos pés o orbe inteiro ajoelhasse:

EPODE VIII.

Se a perfida belleza (4)
De graças e de risos brincadores
Rodeada, e de fervidos amores,
Por toda a redondeza
Te idolatrasse só: tu gemerias
Ainda, ó coração, suspirarias.

STROPHE IX.

Mais alto he teo magnifico destino. (5)
Mas onde achaste, ó lyra,
Este som que hoje soltas, som divino?
Novo abrazado espirito me inspira (6),
Sublime fogo gira
Vivido em minhas veias; escutai-me,
O' mortaes, e de c'roas adornai-me.

ANTISTROPHE IX.

A ave pelos ares pressurosa
Contente se abalança:
Disprende em paz a voz harmoniosa,
Sem temor, sem sentir outra esperança:
Se ingrata fome a cança,
Aqui, ali pousando o bico agudo,
Satisfeita vegeta, e esquece tudo.

EPODE IX.

Rumina o boi pesado
Na estreita manjadoura a leve palha,
E o seo carnoso coração encalha
No circulo acanhado,
Que a fome lhe traçou; tal he a sorte
Do animal, seja fraco, ou seja forte.

STROPHE X.

O Infinito, ó idéa soberana!
Eis o termo anhelado,
Que só póde fartar a mente humana.
O' Deus! ó Providencia! assim gravado
Teo nome sublimado
Em letra mais que o bronze duradoura,
No intimo de nós altivo mora.

ANTISTROPHE X.

O' céos, de um Deus morada, onde se ostenta
A inexhausta riqueza,
O eterno prazer, com que alimenta
Os varões, que com solida grandeza
A bruta natureza
Fortes domando, a Deus só aspiraram,
E á virtude só votos consagraram.

EPODE X.

Dia grande, e formoso
Aquelle, que findando o tempo, e a porta
Da eternidade abrindo, deixa absorta
Em pasmo delicioso
A alma nobre do justo, que abismada
Vê raiar do seu Deus a face amada.

STROPHE XI.

Onde, ó homem, ser fraco, onde encontraste
A imagem do infinito?
Ou donde ao coração a transplantaste,
Para deixa-lo a suspirar afflicto?
Se o mundo, circunscrito
Em limitado espaço, te estreitava,
E teos vastos desejos encurtava?

ANTISTROPHE XI

Ergue as mãos, de amargura penetrado,
E com fervente pranto
Os teos olhos no chão fita humilhado.
Entoa magoado triste canto,
Ao veres com espanto
Como, ingrato, te esquece o premio eterno.
Com que te acena o alto Ser superno.

EPODE XI.

Os ceos, a terra, os mares,
Do Creador á lei obedecendo,
Se estam nos seos limites revolvendo
Por modos regulares:
O homem só, rebelde as leis despreza
Do supremo Senhor da natureza.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Ainda que, cedendo á vontade de meo defuncto amigo, me resolvi a fazer algumas pequenas correcções nas suas obras; não he justo, que o publico deixe de ser informado das principaes alterações, que pratiquei, e das razões em que me fundei, afim de que, se com alguma das emendas a que me resolvi, deteriorei as composições de um poeta, e escriptor tam distincto pelo seo saber e gosto, os meos defeitos lhe não sejam atribuidos, antes sim se considerem meos, como na realidade são, e possam merecer a indulgencia a que lhes dá direito a escassez de meos talentos, e a pureza dos sentimentos, que os dictaram.

Este verso estavà no original da maneira seguinte:

D'onde o ser recebeste

Não tendo eu porem já mais encontrado o adverbio de logar — *onde* — figurando no discurso, como um relativo pessoal, entendi ter havido inadvertencia da parte do

author, e por isso lhe fiz a pequena mudança com que vai no corpo da obra.

(2) Tambem este verso foi por mim alterado. No original lê-se

Ah vê como resoam:

regeitei esta lição por não ter jamais encontrado em classico algum nacional o verbo — *resoar* — em significação activa.

(3) Pela mesma razão substitui tambem neste verso o verbo — *encerrar* — ao verbo — *engolfar*, que se lia no original.

(4) Junto do original em um papel da letra de outro amigo do author achei este epode escrito da maneira seguinte:

Se a perfida belleza
Risonha em graças, mimos e favores
Te prometesse, e fervidos amores;
Se em toda a redondeza
Te idolatrasse so, tu gemerias etc.

Sendo possivel que o author conservasse esta variante alhea ou propria, reservando decidir-se na escolha da lição que adoptaria, quando tirasse finalmente a limpo esta composição, julguei a proposito conserva-la para que o leitor prefira a que melhor lhe parecer.

(5) Maior he teo magnifico destino,

he a maneira por que este verso se achava no original, tendo ao lado a indicação de uma emenda ainda não preferida, que substituia *mais grande* a maior. Inferindo d'aqui que o author não estava contente deste verso, o emendei como se acha no corpo da ode. As

razões, que me movem e supô-lo melhor que o acima escrito, são assaz palpaveis para dispensar-me afoitamente de expô-las n'este logar.

(6) No original lia-se

Hum novo esp'rito me arrebata e inspira :

a manifesta dureza d'este verso me determinou a altera-lo.

CANTATA I

A CREAÇÃO

RECITATIVO I.

Já do tempo voraz se divisava
A ferrea curva foice reluzindo;
Despiedado, umas vezes meneava,
Outras vezes ao longe desferindo,
Em torno de si mesmo a agitava;
Quando o Nume potente
A cujo aceno o tempo audaz nascera,
Fez retumbar a voz, que tudo impera;
Os abismos do nada estremeceram
E ao Deus grande, e clemente
Os possiveis tremendo obedeceram:
Atonito levanta a escura frente
O cháos rodeado
De confusão e horror: inda a belleza
Com pincel variado
Não ornava a recente natureza.

ARIA I.

Tranquilas jazendo,
As ondas dormiam
Que a face cobriam
Do cháos horrendo.
Ao leve soprar
De um zefiro brando,
Vida vai cobrando
O languido mar:
Do vasto Oceano
No seio se encerra;
E a madida terra
Deixa respirar.

RECITATIVO II.

A luz resplandeceu, e o firmamento,
Que em denigridas sombras se involvia,
Mostrou formoso o seo soberbo assento:
De graças, e esplendor se revestia
O magestoso dia;
Quando, cheio de pompa e luzimento,
O sol rompeu nos ares, dardejando
De animante calor celestes raios.
Enternecido, triste sentimento
Magôa o rosto lindo
Da noite descontente,
Que a ausencia de Phebo luminoso

Assim terna annuncia;
Emtanto desferindo
Escassa luz em throno tenebroso,
Sobre nuvens o sceptro reclinando,
A lua os céos, e terras alumia.

ARIA II.

Fulgentes estrelas
Nos céos resplandecem:
Na terra verdecem
Mil arvores bellas.
Os montes erguidos,
Os vales retumbam
Ao som dos rugidos,
Dos feros leões.
Nas azas sustidas,
As aves revoam:
Nos ares entoam
Sonoras canções.

RECITATIVO III.

O' Terra! ó Céos! ó muda natureza!
Transbordai de alegria: triumfante
Das entranhas do nada surge o homem:
Eis aparece; e a candida belleza
O sisudo semblante lhe ennobrece.

Seo magestoso porte
Soberano do mundo o patentea.
Gravada mostra n'alma a augusta imagem
Do Senhor adoravel
Que o immenso universo senhorea:
De sua pura carne se teceram
As meigas graças, que no rosto amavel,
Da mulher carinhosa,
Com suave doçura resplandecem.
Apenas a diviza transportado,
Tu és o meu prazer, que novo encanto
Eu vejo! lhe dizia; e arrebatado
Em delirio amoroso,
Mil vezes em seos braços a apertava,
E todo o extenso mundo,
Por ella só, deixar pouco julgava.

ARIA III.

Qual rosa engraçada
Que Zefiro adora,
Terna e delicada,
Enredo de Flora:

Assim he mimosa
E linda a mulher
E o homem se goza
Em se lhe render.

Qual grita entre as feras
Leão rugidor,
Derramando em torno
Gelido terror :

Tal se mostra o homem
Sobre toda a terra ;
Tudo rende e aterra
Em arte e valor.

RECITATIVO IV.

O mundo era creado, e trasluzia
Em toda parte o braço omnipotente,
Que fizera raiar a noite, e o dia.
Da frigida semente
Outra vez novo ser se produzia,
Animada ao calor do sol ardente :
Tudo em vida fervendo parecia.
Fecundo recebera
Virtude de crescer, multiplicar-se.
O animal que á fera
Impia morte soubera sujeitar-se,
Então o Creador arrebatado
Em divino prazer, almo, infinito,
Olhou dos Céos o livro sublimado
Que com as suas mãos havia escrito,
E assim falou: Ouvi cheios de susto,
Mortaes, a voz do Deus immenso, e justo.

ARIA IV.

Os Céos entoam
Minha grandeza,
Os seres todos
Juntos pregoam,
Por varios modos,
Do eterno ser
O incomparavel,
Grande, inefavel,
Alto poder.

A minha gloria,
Homem, respeita;
Rendido, aceita
Meo mandamento:
Traze á memoria,
Que o Firmamento
Por-ti criei:
Que o Mar e a Terra,
E o que ella encerra
Tudo te dei.

Se me adorares
Com vivo amor,
E me ofertares
Santo temor;
Por mim o juro,
Minha presença

Ao peito puro
Eu mostrarei,
E recompensa
Tua serei.

Mas se quebrares
O meo preceito,
E sem respeito
O profanares
Da morte fera
A mão severa
Tu sentirás:
E em vão gemendo,
No averno horrendo,
Me chamarás.

OBSERVAÇÕES.

Esta cantata, e a ode que a precede, estão cheias de imagens atrevidas, e novas na poesia portugueza. He verdade que ellas não podem sustentar uma rigorosa analyse philosophica: mas nas composições desta natureza não ha jámais audacia excessiva de imaginação. Não será difficil mostrar em Milton e Klopstock iguaes atrevimentos poeticos: apezar de que na poesia epica elles tenham menos logar, de que na lirica. Gray, e Young abundam em imagens igualmente atrevidas, e alheas dos principios, e exactidão philosophica: e nem

por isso deixam de merecer a estimação, e apreço dos seos compatriotas, e mesmo dos estranhos que as tem trasladado do idioma Inglez para o seo. Terá por ventura a poesia dos povos septentrionaes algum privilegio exclusivo, de que não goze a poesia dos meridionaes?... Qualquer que seja o juizo que os literatos portuguezes actuaes formem deste novo modo de poetizar: eu me persuado que assumptos tão aridos, e ao mesmo tempo tão sublimes e transcendentes não poderão de outra sorte ser tratados poeticamente com a dignidade, que lhes convêm: e que a posteridade será reconhecida ao meo defuncto amigo, por haver introduzido esta nova maneira e gosto na nossa poesia nacional.

ODE II

A' IMMORTALIDADE DA ALMA.

STROPHE I.

Sonora, e immortal lyra
Que o Thebano cantor não desdenhava
Sustentar em seos braços;
Quando, inflamado de celeste fogo,
Os heroes celebrava,
Que na carreira olimpica a seo carro
A victoria prendiam venturosos.

ANTISTROPHE II.

Tu, que suberba ousaste
Annosos troncos arrancar, e a furia
Do mar embravecido
Tornaste branda mais que o brando Zefiro,
Dos ingremes rochedos
Mil vezes viste o escarpado cume (1)
Pendente para ouvir teo som divino.

EPODE I.

Conhece a destra mão, que a natureza
De harmonia cercou, e n'outro tempo
As tuas aureas cordas
Corria soberana
Da indocil Lysia nos dormentes campos.

STROPHE II.

Olha como ligeiro
A fervida carreira o tempo volve,
E fugitivo acena
O momento fatal, em que inhumana
Vai o punhal buido
No coração cravar-me a morte crua } (2)
E entre sombras cerrar meos frouxos olhos.

ANTISTROPHE II.

De balde te alvoroças,
O' morte deshumana; se pertendes,
Com frivola ousadia,
A frias cinzas reduzir-me inteiro:
Teo braço furibundo
Meo corpo desfará: mas de teos golpes
Illesa zombará minha alma intacta.

EPODE II.

Qual ao nauta se pinta o manso porto,
Quando, bramindo o vento, o mar lhe agoira
Imminente naufragio;
Tal da immortalidade
Me transporta o sublime pensamento:

STROPHE III.

Abala destemido,
O' invicto Sansom, lança por terra
As lugubres columnas
Que em sepulchro commum ham de encerrar-te
Com teos crueis imigos:
Não recees ficar todo jazendo
Nos fracos muros da traidora Gaza.

ANTISTROPHE III.

Da mão omnipotente
Abrazado desceu o nobre esp'rito
Que o homem engrandece
Sobre a inerte, pesada e vil materia:
E, em rapido momento,
O passado e presente retratando,
Sobre o mesmo futuro estende a vista.

EPODE III.

Mais veloz do que a setta fende os ares.
Em um ponto indiviso se afigura
Mil diversas imagens,
Que soberano arrosta,
Separa, ajunta, considera, e julga.

STROPHE IV.

O tempo em vão reforça
O musculoso braço, e fero intenta
Em partes retalha-lo:
A cortadora foice só encontra
No humano entendimento
A essencia simples, que combina altiva
De um golpe ideas entre si distinctas.

ANTISTROPHE IV.

O' virtude adoravel!
O' tu das grandes almas nobre encanto,
Do homem nas entranhas
Teo nome está impresso: embora o vicio
O coração lhe embote:
Se vê luzir na terra a tua imagem,
Enternecido pára, e te comtempla!

EPODE IV.

Em seos gestos trasluz a liberdade :
Livre, escolhe seguir as solitarias
Veredas da justiça;
Ou se entranha, imprudente,
Do vicio no enredado labyrinto.

STROPHE V.

Mas que horror repentino
Do sangue o curso em minhas veas prende! (4)
Da morte o horrido livro
Eu vejo abrir-se! A despiedada penna
Que o traçou, ensopada
Foi em sanguinea tinta: só cruentos,
Lugubres caracteres lá divizo.

ANTISTROPHE V.

Ja mal se avista a historia
Da primitiva edade do Universo :
Nos alagados braços
A vida inda recente lhe suffoca
Diluvio deshumano ;
De novo surge: mas de novos homens
Nações inteiras aqui vejo escritas.

EPODE V.

Ah! he certo, Deus grande, sim da morte (5)
A inexoravel, tragadora foice
Talha, destrue, consume
Quanto encerra o universo;
Nem lhe resiste o bronze endurecido.

STROPHE VI.

So firme, e perduravel (6)
O espirito do homem a despreza,
Seo golpe afronta intrepido.
Não vacila um instante, ao ver que tudo
Quanto existe annuncia,
No Creador supremo, eterno Nume,
O amor da justiça, e da virtude.

ANTISTROPHE VI.

O vicio triumfante
Vê na terra empunhar suberbo sceptro:
De mal cortado louro
Cingindo a refolhada, astuta frente:
Em quanto algoz infame
Com afiado alfange lá destronca
A cabeça do justo desgraçado.

EPODE VI.

Do infinito Ser a idea augusta
Em tanto se lhe aviva : e imperioso
Magnifico desejo
O' coração lhe exalta,
E para o summo bem ancioso o leva.

STROPHE VII.

Então arrebatado
De insolito prazer exclama : ó grande,
O' summa potestade,
Que em meo peito gravaste o amor da ordem,
E de gozar-te um dia
Fervorosa apetencia me inspiraste!
Seria em vão que tudo assim fizeste?

ANTISTROPHE VII.

Deste-me o sentimento
Sublime d'ordem, so para tornar-me
Espectador afflicto
Da desordem que em todo o vasto mundo
Sacode ardentes fachos?
Já mais o vicio gemerá punido?
E a virtude infeliz será sem premio?

EPODE VII.

Suspirarei em vão por adorar-te,
Face a face, em dilicias inefaveis?
Desejo interminavel
Devorará minha alma
Que contemplar-te de continuo anhelo?

STROPHE VIII.

Eu não te temo, ó morte,
Em vão me encaras com suberbo aspecto:
Erguendo a immortal frente,
No seio immenso do supremo Nume
Abrigado, a victoria
Heide arrancar-te n'esse mesmo instante,
Em que cruel aniquilar-me intentas.

ANTISTROPHE VIII.

Vem, ó minha esperança,
O' immortalidade, vem cercar-me:
Teo nome só estreita
O peito do malvado, que despreza
A placida virtude,
E com tremula boca o Nada invoca,
Para esquivar-se á merecida pena.

EPODE VIII.

Troe embora do Averno a voz medonha,
Que temeraria intenta combater-te:
Tortuosos sophismas
Deslumbram, mas não podem
Da verdade extinguir a luz brilhante.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Esta ode, bem como qnasi todas as outras, existem nos originaes do author escritas mais de uma vez. Nas copias mais correctas se acham estes dous versos da primeira antistrophe da maneira seguinte.

Pendente viste o escarpado cume,
Mil vezes, para ouvir teo som divino.

Como porém em alguma d'ellas achasse signal de que o actor não estava plenamente satisfeito com os ditos versos, e elles me parecessem menos perfeitos do que convinha á belleza deste poema, me determinei a fazer-lhe a pequena alteração com que vão escritos; com a qual, a meo ver, fica mais perfeitamente o sentido dos mesmos versos destruindo toda a aperencia de amphibologia.

(2) Estes dous versos liam-se no original assim

E seu punhal brandindo,
Morte horrenda vai cravar-me o golpe.

(3) No original lia-se.

Teo braço descarnado
Pode o corpo ferir, mas permanente
De mim fica a porção mais nobre e bella.

(4) Esta strophe acha-se assim escrita no original.

Mas que horror repentino
As veas me circula espavoridas?
Da morte o immenso livro
En vejo abrir-se. Em sangue se ensopava
A penna que o traçára,
E as mal abertas letras só parecem
De atro sangue um tessido triste, e horrendo.

Que um horror repentino prenda, e como que gele o sangue nas veas, nada ha mais natural. Virgilio para exprimir o horror que causára a Eneas o sangue de Polydoro, gotejando das raizes do arbusto, que havia nascido em cima da sepultura d'aquelle desgraçado princepe, põe na boca do seu Heroe estas palavras.

..... mihi frigidus horror
Membra quatit, gelidus que coit formidine sanguis.

Eneas estremeceu, e gelou-se-lhe o sangue; he este o effeito natural de um grande, e subito horror: mas um horror repentino circulando pelas veas, e estas sentindo-se espavoridas, são imagens senão improprias, pelo menos summamente atrevidas. Com tudo, como a liberdade, que me foi concedida pelo autor, ou antes o preceito que por elle me foi imposto em o leito da morte de rever, e corrigir suas obras, me não autorise para antepor absolutamente o meu juizo ao seo, principalmente em materias de gosto em poesia, para as

quaes o meu espirito he tam acanhado, quanto o seo era extenso : por isso deixo sempre aos leitores todos os meios de poderem constituir-se juizes nos pontos em que as nossas opiniões são discordes. No resto da strophe pratiquei as alterações que o leitor facilmente notará, tendo em vista evitar a repetição da palavra *sangue*, e augmentar a idea do horror que o livro da morte, subitamente aberto ante os olhos do autor, devia inspirar-lhe.

(5) He pois certo, Deus grande, que da morte
O inexoravel, afiado alfange
Talha, espedaça, mata
Quanto encerra o universo,
E nem perdoa ao bronze endurecido?

Assim he que este epode se acha no original.

(6) Esta strophe tambem foi alterada. No original lia-se.

Mais duravel que o bronze,
O espirito do homem a despreza
E o golpe apara intrepido :
Não vacila um instante, ao ver que tudo
Em alta voz pregoa
No Nome Creador, immenso e eterno,
O amor da justiça, e da virtude.

No terceiro verso desagradou-me o som que resulta da contracção da ultima vogal da palavra *golpe* seguida da palavra *apara*. Mas sobre tudo determinou-me a alterar esta strophe a consideração de maior nobreza e valentia que ha, em afrontar um golpe mortal, do que em apara-lo. Estas observações parecerão talvez miudas: mas julgo-as de alguma conveniencia, não só porque

serviram de fundamento ás alterações que fiz nas excelentes composições do meu amigo: mas por que entendo que em um tempo em que frequentemente se publicão obras poeticas cheas de incorrecções, e gravissimos defeitos de linguagem, he de não pequena utilidade fazer sentir aos poetas moços a severidade com que devem castigar suas poesias. Nas odes que hoje publico podia mui bem ter lugar a indulgencia de Horacio: *Non ego paucis offendar maculis, ubi plura nitent in carmine.* Porém não estam no mesmo caso a maior parte das composições poeticas de nossos versificadores nacionaes que de certa epoca em diante se tem dado á luz pública.

CANTATA II

A' IMMORTALIDADE DA ALMA

RECITATIVO I.

Porque choras, Fileno? Enxuga o pranto
Que rega o teo semblante, onde a amisade
De seos dedos gravou o terno toque.
Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de dor embeber minha alegria.
Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os froxos membros,
Nos abismos do nada inexcrutaveis
Vai de todo afogar minha existencia?
He outro o meo destino, outra a promessa
Do espirito que em mim vive e me anima.
A horrenda sepultura
Conter não póde a luz brilhante e pura,
Que soberana rege o corpo inerte.....
Não descobres em ti um sentimento

Sublime e grandioso, que parece
Tua vida estender alem da morte?
Attenta.... escuta bem.... Olha.... examina....
Em ti deve existir: eu não te engano....
Tu me dizes que existe.... Ah! meo Fileno,
Como he doce a lembrança
D'essa vida immortal em que, banhado
De inefavel prazer, o justo goza
Do seo Deus a presença magestosa!

ARIA I.

Desperta, ó morte:
Que te detem?
Teo cruel braço
Esforça, e vem.
Vem por piedade
Já transpassar-me,
E avisinhar-me
Do summo Bem.

RECITATIVO II.

E queres que eu prefira
Humanos passatempos ao momento.
Em que raia a feliz eternidade?
Um Deus de amor m'inflamma:
E já no peito meo mal cabe a chamma
Que docemente o coração me abraza.

Eu vôo por elle: elle só pode
Minha alma, sequiosa do infinito,
De todo saciar: este desejo
Me torna saboroso
O calix que tu julgas amargoso.
Fileno, doce amigo, a mão estende,
A minha aperta: não te assuste o vêl-a
De mortal frio já passada e languida.
Mais duravel que a vida,
He da amisade a tea delicada,
Se a virtude a teceu..... Em fim, ó morte,
Tu me mostras a foice inexoravel.
Amarga este momento: eu não t'o nego,
Meo amante Fileno; a voz já prêsa
Sinto faltar-me, o sangue
Nas veas congelar-se: pelo rosto
Me cai frio suor: a luz mal posso
Das trevas distinguir, e sufocado
O coração desmaia.
Vem immortalidade, vem ó grande,
Sublime pensamento,
Adocar o meo ultimo momento.

ARIA II.

O' Nume infinito,
Que aspiro a gozar,
O meo peito afflicto
Enche de valor.

Suave esperança
De sorte melhor,
Quanto d'este instante
Adoças o horror!

ODE III

SOBRE A NECESSIDADE DA REVELAÇÃO

STROPHE I.

Sim, Platão, he verdade, e a tua mente
Sublime adivinhava
Os segredos de um Deus justo e clemente.
Do homem a razão mingoada, e escrava
Não pode descubrir um culto dino
D'aquelle que o creou, Ente divino.

ANTISTROPHE I.

Com tresdobrada venda lhe rodea
Suberba mentirosa
O espirito abatido; e em vil cadea
O maniata a carne revoltosa:
Precipitado sobre a terra corre:
E incerto de seo fim, respira e morre.

EPODE I.

De sua origem nobre
Lembrado, ás vezes quer em vão soltar-se.
Pesada nuvem tenebrosa o cobre;
Sente desanimar-se
E o pesado grilhão mais apertar-se.

STROPHE II.

Desce do Olimpo, ó Musa luminosa,
Que das acções humanas
Conservas a memoria fastuosa:
Aparecei, ó folhas deshumanas
Do livro antigo, que o medonho crime
Por toda parte com seo sello imprime.

ANTISTROPHE II.

Do horror a ferrea fria mão me abate,
E o sangue represado
Nas assustadas veas mal me bate:
O' homem! pega, e lê sobresaltado
As criminosas provas da baxeza
De tua envilecida natureza.

EPODE II.

De mil feitos atrozes
As cidades cingidas se levantam:

Com ellas surgem barbaros, ferozes,
Altos genios, que espantam,
E o sanguinario despotismo plantam.

STROPHE III.

Aqui reluz alfange fratricida,
Ali o escuro engano
Na honra crava asperrima ferida:
Ora a baxa ambição cinge inhumano,
Cruento diadema, ora a avareza
Empunha o sceptro, em toda a redondeza.

ANTISTROPHE III.

O' Mexico! ó cidades desgraçadas
Do novo afflicto mundo!
Parece-me que vejo inda ensopadas
Em sangue as vossas casas; furibundo
Voraz fogo nos ares estalando,
Os vossos debeis muros arrazando.

EPODE III.

Embora cante a fama
A constante invencivel fortaleza
De Colombo immortal, do invicto Gama:
A Europea crueza
Manchou depois a sua nobre empreza.

STROPHE IV.

Qual a febre abrazada, se raivoza (1)
Com a mão pestilente
As veas toca, chamma furiosa
N'ellas accende, e o calor ardente,
Que da vida era d'antes alimento,
Torna da morte barbaro instrumento.

ANTISTROPHE IV.

Tal o homem mil vezes, impelido
Da paixão que o devora,
A crimes faz servir enfurecido
Os inventos de uma alma creadora,
Que á natureza, com constancia rara,
Para honrosas façanhas arrancara.

EPODE IV.

Vergonhosa ignorancia
Com elle nasce, e lhe acompanha os passos:
O erro estende, cheo de arrogancia,
Os alongados braços,
E lhe tece bramindo astutos laços.

STROPHE V.

Na Grecia, das sciencia mãe fecunda,
Ousou erguer altivo
O throno, e fez soar a voz immunda.

Tu o sentiste, ó Socrates! e activo
Tentaste em vão rasgar o véo sagrado,
Que da verdade cobre o rosto amado.

ANTISTROPHE V.

O homem vias de maldades rêo,
E incerto meditavas
Propicio modo de aplacar o Céo:
Em duvidas fervendo te agitavas:
Provaste em fim que só celeste guia
Este segredo revelar podia.

EPODE V.

Gemendo ao ver o crime
Confundir sua face horrenda, e brava
Com a virtude candida e sublime,
Athenas condemnava
O que Lacedemonia premiava.

STROPHE VI

O' tu, lasciva mais do que formosa,
De Chypre, infame Dea;
O' cego Deus! ó Juno ambiciosa!
Tu Jupiter suberbo, que á cadea
Dos fabulosos Numes presidias,
E a filha de Agenor baxo servias.

ANTISTROPHE VI.

Ridiculo esquadrão, que meneaste
O sceptro sobre a terra,
E o mal votado incenso profanaste,
Devido só áquelle em quem se encerra
O poder, a justiça, a providencia,
A bondade, e a suprema intelligencia.

EPODE VI.

O vosso duro imperio,
Estribado em chimerica grandeza,
Longo tempo occupou todo o hemispherio:
Da humana natureza
Assaz provou a misera fraqueza.

SROPHE VII.

Em que clima a tam grande desventura
Nasce o remedio certo?
Onde habita a razão suave e pura,
Que possa alumiar meo peito incerto,
De valor revesti-lo, com que afronte
Intrepido do crime a enorme fronte?

ANTISTROPHE VII

He possivel, Bondade incomparavel,
Que a tua mão divina.....(2)
Formasse a mente humana miseravel!

Que a trevas e fraqueza vil e indina
A condemnasse! e o homem arrastrado
Do vicio siga o detestavel brado!

EPODE VII.

Com pincel enganoso
De falsas sombras o prazer cercando,
Quantas vezes correr precipitoso
Me viu executando
O que eu dizia ser torpe, e execrando?

STROPHE VIII.

Existe por ventura um ser perverso,
Que poderoso impera,
Como Tu, no vastissimo universo?
Que movendo a cabeça horrenda e fera,
Transtorna quanto pensas, e envenena
O que crear a tua mão acena?

ANTISTROPHE VIII.

Se o sceptro universal he teo somente,
O' Nume sublimado,
Que incenso queimarei? Que voto ardente
Poderei no meo peito, sossobrado
Das paixões, conceber, que aplaque a ira
Que a minha vida criminosa inspira?

EPODE VIII.

Farei subir aos ares
Em denso crespo fumo revoando
De victimas o sangue? e em teos altares
Mil dons apresentando,
Acaso o teo furor verei mais brando?

STROPHE IX.

Qual inquieto volve os vagos olhos
Perdido navegante,
Que em toda parte miseros escolhos
Teme encontrar: tal cego e vacilante
Eu erro a um lado, e outro; nada aprendo
Em um golfo de duvidas gemendo.

ANTISTROPHE IX.

Ah! desce á terra, messageiro augusto,
Que haveis de illuminar-nos:
Orvalhai, puros Ceos, chovei o justo.
Tu não podes, Deus bom, abandonar-nos,
Pois somos obras tuas; e a cegueira
Escurece do mundo a face inteira.

EPODE IX.

Sobre o po derrubada,
Sua orgulhosa frente a idolatria

Arrastre, e nos abismos sepultada,
Não torne a luz do dia
A turbar com horrivel ousadia.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Pouco satisfeito d'esta strophe, eu a tinha mudado assim:

STROPHE.

Qual devorante febre, quando irosa
Com ignea mão tocando
As entranhas, e n'ellas furiosa
O seo lethal veneno derramando,
O calor, que da vida era alimento,
Torna da morte barbaro instrumento.

Porém a consideração de que esta ode mereceu ser coroada pela Academia Real das sciencias de Lisboa, em um dos concursos mais numerosos aos premios de poesia, me determinou a reprimir a minha primeira intenção.

(2) Esta antistrophe achava-se em uma das copias autografas, da maneira seguinte:

He possivel, Bondade incomparavel,
Da tua mão divina
Descesse a mente humana miseravel,

Em trevas e fraqueza vil e indina
Embebida, e que o homem arrastrado
Do vicio siga o detestavel brado?

Certo porém de que o autor tentava corrigi-la, me animei a substituir-lhe a que vai no corpo da ode.

ODE IV

SOBRE A EXISTENCIA DO PECCADO ORIGINAL

Olha como orgulhosa, caro Stockler,
O atrevido rosto
A ignorancia levanta, e o erro a segue
Com mentirosa mascara,
Cobrindo a fementida horrenda face.
Em vão blasona ufano
O homem de systemas vãos e incertos :
Com deslumbrados olhos,
Admirando o clarão mal luminoso,
Em vão pretende um dia
Ver a razão baxar dos Céos á Terra,
Pela mão conduzida
De profundas sciencias, e de nobre
Educação prudente.
Antigo vicio lhe envenena o peito,
E de paixões rebeldes
O compelle a arrastrar a vil cadea,
Com que apertado geme.

Eu vejo a Grecia, e Roma, e o mundo inteiro
Desde que o tempo volve
A fatal roda, em fundos precipicios
Cair desassisados:
Na vaga fantasia revoando
Dos miseros humanos
Mil brilhantes projectos caprichosos
As Filhas da Memoria
Fieis me mostram; mas o crime insano,
Leis mil inconsequentes,
Despotica ambição, torpes costumes,
Imprevistos successos
Sobre a terra derrubam, desfiguram,
Suffocam grandes planos.
Sempre revive o desgraçado imperio
Dos vergonhosos vicios,
E o mundo endurecido as costas verga
Ao golpe desabrido
Do triplicado açoite com que o crime
Tudo doma, e sugeita.
Que lugubres idéas! O meo peito
Sobresaltado treme:
Cheo de horror, e assombro, mas sincero,
A' corrupção eu digo:
Tu es a minha herança, da virtude
Só pode raro esforço
A' vereda guiar-me não trilhada:
Meo coração fraquea,
Mal ouve a voz do vicio lisongeira,

E submetido a segue;
A razão o condemna, voluntario
Resvala, precipita-se.
Grande Deus, se contemplo como seco
O teo nome repito;
Como curvado sob os bens immensos,
Que a tua mão esparge,
Ingrato, nem ao menos um isntante
De amor sinto ahrazar-me,
Por este nome santo: então me humilho;
E confessar não temo,
Que cego, duro coração me anima:
Que vicio antigo e feo,
Sem duvida, alterou o nobre peito
Que das mãos recebera
Do Creador o homem innocente.
Bem summo, amor eterno,
Das tuas mãos não sai alma insensivel,
Ingrata, irracionavel.

CANTATA III

SOBRE A NECESSIDADE DA REVELAÇÃO

RECITATIVO.

Do trono soberano, que elevado
Sobre os astros se estriba magestoso,
E de fulgentes pedras recamado
Do sol ofusca o rosto luminoso,
Onde em silencio fervoroso canto
De celeste belleza
Resoa de continuo o nome santo
Do immenso Ser autor da natureza;
Sobre a jacente terra,
Baxou os olhos este Deus potente,
Todo o Olympo se abala, e em chama ardente
No fundo Averno pavido se encerra
O chefe horrendo da infernal cohorte.
Entre as sombras da morte,
O humano coração viu sepultado,
E o temerario crime em toda parte
Estendendo o seu braço ensanguentado;

Com impia fatal arte
Mil cores, mil aspectos simulando
O erro viu girar todo o universo;
E o seo nome divino profanando
Com culto vil perverso,
Em vaidosas cadeiras reclinados
Falsos sabios com mão tremula, escura,
Manchavam da verdade a formosura,
Em suas proprias forças confiados.
Então o justo Creador se altera,
De compaixão movido;
E o ceo enternecido
A bondade adorou que tudo impera.
Estas vozes em tanto se escutaram
Que o Nume soberano proferia,
E ao som divino cheas de harmonia
As celestes abobedas soaram,
E por mui largo tempo retumbaram.

ARIA.

O' terra ingrata!
Do Creador,
Que o teo furor
Fere e maltrata,
Conhece a voz.

Homem feroz,
Tua maldade
Brada vingança:

Minha bondade,
Por te salvar,
Nova esperança
Vem-te inspirar.

Louco, e sem tino,
Com peito impuro,
Meo rosto puro,
Rosto divino
Em vão pretendes
Descortinar.
Tudo que emprendes
O erro audaz
Vem perturbar;
Tece-te laço,
A cada passo
Que intentas dar.

Um salvador
Quero enviar-te,
Para mostrar-te
Meo terno amor.
Fiel pintura
De minha essencia;
Igual em pura,
Doce clemencia,
Por ti morrendo
Quer-me aplacar:
E o teo horrendo
Crime espiar.

Tua razão
Ennevoada,
E avassalada
Pela paixão,
Elle abrirá:
Teo coração
Sujeito ao crime
Libertará.
Em voz sublime
A minha lei,
Que em ti gravei,
Te lembrará.

ODE V

SOBRE A VIRTUDE DA RELIGIÃO CHRISTÃA

STROPHE I.

Desembainha, Mahomet, a espada,
Vem ferir-me, e provar-me
Que he santa a tua lei ensanguentada.
Mas onde está a voz nobre e sagrada
Que o céo, para avisar-me
De tua vinda, despediu á terra,
Que impio devastas com tyrana guerra (1).

ANTISTROPHE I.

Que inflamado profeta, do futuro
O véo descortinando,
Fez raiar a meos olhos teo perjuro,
Cruento nome? Dize, ó homem duro!
Em que dia, soando
A tua voz, cedeu a natureza,
Para mostrar divina a tua empreza?

EPODE I.

Não queiras, aurea lyra,
Manchar as tuas cordas sonorosas,
Tu quem só virtude afina, e inspira (2)
Com gesto, e mãos mimosas:
Não resoes o nome, e a fama indina (3)
Do monarca impostor da vil Medina.

STROPHE II.

Vem a meos braços, Livro venerando,
Que ao berço inda recente
Do universo me guias, retratando
A creadora voz, a cujo mando
O sol resplandecente,
A terra, e o mar, e os céos surgem do nada,
E do homem brilha a face sublimada

ANTISTROPHE II.

Encerras, por ventura, o que mendiga
Minha alma sequiosa,
E o que espera da mão fiel e amiga
Do Ser immenso, que a fraqueza antiga
Do homem afrontosa
Conhecendo, lhe aponta o logar onde
A paz habita, e o grande Deus se esconde?

EPODE II.

A meiga ingenuidade
Sustinha a penna do escritor sublime
Que os teos altos conceitos tece e exprime:
Encanecida idade
As tuas folhas orna, e te levanta
Sobre tudo que Roma e Grecia canta.

STROPHE III

Justa, dizes, creou-se a mente humana.
O' historia sublime!
O' dia venturoso! ó luz sob'rana
Que alumiava a natureza ufana!
Que horrendo estranho crime
Te fez ennevoar, e a noite escura
As trevas espalhou com boca impura?

ANTISTROPHE III.

Ao lume da razão imperioso
Das paixões a ousadia
O collo sotopunha torturoso:
E a terra ao aceno glorioso
Do homem se rendia,
Que de seo Deus a imagem retratava,
E de terna innocencia se adornava.

EPODE III.

Em delicias banhado
Não temia que a dor austera alçasse
O encolhido braço, e o detestado
Ferreo punhal cravasse
No seo varonil peito, inda assaz forte
Para vencer o mesmo horror da morte.

STROPHE IV.

Sim, eu te reconheço, ó inefavel!
O' Ser omnipotente!
So a bondade, so virtude amavel
De teo pode sair seio adoravel:
Mas como ousa insolente
O primeiro mortal, com impio peito,
Quebrantar, justo Deus, o teo preceito?

ANTISTROPHE IV.

A morte a curva foice logo afia:
O Averno em torno soa:
E o universo, com fatal porfia,
Intenta castigar tanta ousadia:
Corrupto sangue côa
Desde então pelas veas alteradas
De podre, antigo tronco derivadas.

EPODE IV.

Que nova luz me aclara!
Attenta, ó Manes! eis o ser que luta
Co' o grande Ser, e cuja mão avara
Mancha feroz e enluta
As suas obras: foi o vil peccado
Que do homem abateu o nobre estado.

STROPHE V.

O' Socrates! ó Grecia, ouve, e modera
Teo animo ancioso;
Retumba em fim a voz doce e sincera
Da candida verdade, que severa
Seo rosto melindroso
Escondeu tantas vezes ao valente
Altivo esforço de teo genio ardente.

ANTISTROPHE V.

Tu es, Revelação santa e divina,
Antiga como o mundo:
E qual risonha auróra matutina,
Tal me desperta a tua luz benina
Do somno meo profundo:
Assim, ó summo Bem! tua bondade
Communicas piedoso em toda a idade (4).

EPODE V.

Um messageiro augusto
Me promette o Immortal, quando annuncia
A morte ao homem, e o gelado susto
O sangue entorpecia
Do misero culpado, que a belleza
Perdera da innocente natureza.

STROPHE VI.

Com juramento eterno solemniza
A piedosa promessa
O Deus d'Abram: Jacob o profetiza:
De varões alta serie se diviza,
Que de pintar não cessa
Um Redemptor, um Deus dos ceos baxado,
Para valer ao homem desgraçado.

ANTISTROPHE VI.

O' Judá! Israel em vão se empenha
Com mão feroz, e ousada
Por arrancar-te o sceptro, até que venha
O guia que as nações mova e contenha.
Estrela sublimada
De ti hade nascer, que a escuridade
Fulmine com os raios da verdade.

EPODE VI.

Bethlem mal conhecida
Entre as cidades de Israel, a frente
Levanta altiva : patria esclarecida
Serás do Deus potente,
Que á idolatria o denegrido collo
Cortará, desde um té outro polo.

STROPHE VII.

Teo ferreo coração será mudado,
O' povo criminoso,
Será de graça e de valor cercado :
Attende, ó Daniel; ja debruçado,
O tempo pressuroso
A semana da grande vida aponta,
Em que do mundo a salvação desponta.

ANTISTROPHE VII

Jerusalem levanta-te, e o teo rosto
Circunda de alegria ;
Inunda o peito teo de eterno gosto ;
Ergue os olhos, Sion, a ti exposto
Está o que annuncia
Teo Redemptor, a voz que vem bradando,
Os seos santos caminhos preparando.

EPODE VII.

Fecundo, altivo monte
Sobre o cume dos montes vai alçar-se;
D'elle mana sonora clara fonte,
Onde desafrontar-se
Virá da sede ardente quanto habita
Sobre a terra de males mil afflicta.

STROPHE VIII.

Eis aparece o Deus de fortaleza;
Quem poderá expor-te,
O' Israel, da sua natureza
A geração sublime, a grande alteza?
Seu braço nobre e forte
Emparelha co' a mesma eternidade,
Com ella mede sua immensa idade.

ANTISTROPHE VIII.

Inclinai-vos, nações, e reverentes
Adorai o seu nome:
Os seos olhos afaveis e clementes
Illustram do Universo as varias gentes;
E ja fogo consome
Os mudos Deuses, que ellas adoraram,
E com roubado incenso perfumaram.

EPODE VIII.

Suberbos dons votados
Com respeito Sabá, Tharsis lhe off'rece ;
E quaes de mel os favos delicados,
Taes sua lingoa tece
Discursos de justiça e de bondade
Que em parabolas prestam a verdade.

STROPHE IX.

Chora, ó Rachel, o sangue derramado
Dos filhos teos mimosos
Pelas mãos de um tyrano abominado :
Ao Egypto corre emtanto o desejado
Dos povos mal ditosos :
Do Egypto chamarei meo filho amavel
Diz de Oseas o Deus santo, inefavel.

ANTISTROPHE IX.

O teo rei, ó Sião ! não vem de guerra
E furia revestido,
Como conquistador, que tudo aterra,
E bravo a espavorida paz desterra :
De doçura cingido
Sobre pobre jumento as ruas piza,
E á terra com os Céos paz profetiza.

EPODE IX.

Quem he este formoso
Que vem de Edom com rubro vestimento? (5)
O' Céos! ó terra! ó dia lacrimoso!
A dor o seo assento
No ungido do Senhor fixou, e o peito
Lhe rasga com ferino duro aspeito.

SROPHE X.

Semblante já não tem, e ser parece
Um homem de amargura:
Como ovelha pacifica emmudece;
E abatido entre penas desfalece:
A alhea desventura
Em si tomou movido de piedade,
E expia assim a nossa iniquidade.

ANTISTROPHE X.

Um traidor infeliz, que se assentava
A' sua mesa santa,
E o punhal da avareza em si cravava,
Por um preço funesto o atraiçoava.
A horrida garganta
Abra o Averno em fim para tragar-te,
O' traidor, e entre chammas abrazar-te:

EPODE X.

Com fel impios algozes
Accendem do cordeiro a ardente sede ;
Com riso horrivel, barbaros, ferozes,
Que alta vingança pede,
O encaram, as vestes sorteando,
E os pés com ferro agudo traspassando.

STROPHE XI.

Esconde-te, ó infame prostituta !
Jerusalem cruenta,
O som da tua voz sombrio enluta
Os sagrados altares, nem te escuta
Com face meiga attenta
O nume soberano, que do Egypto
Salvou o povo teo cansado, e afflicto.

ANTISTROPHE XI.

Vagarás como esposa abandonada,
Sem templo, sem altares :
Debalde invocarás a mão sagrada
De Deos d'Abram e Isaac, que outra morada
Em apartados mares,
Em terras alongadas escolhendo,
Te solta justo ao teo destino horrendo.

EPODE XI.

Assim por mil maneiras,
De inflamados prophetas me annuncia
Canora turba o venturoso dia
Que a mil nações inteiras
Havia fazer ver o desejado,
Por differentes modos figurado.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Esta ode, uma das mais bellas compozições poeticas que honram a poesia Portugueza, merecia um commentario digno da grandeza do seo objecto, da regularidade do seo desenho, e da belleza da sua execução. Porém nem as minhas actuaes circunstancias, nem a brevidade com que desejo dar ao publico estas preciosas producções de um genio verdadeiramente original e sublime, e de um espirito profundamente penetrado das verdades transcendentes, que se arrojou a expôr em linguagem poetica, me permitem o vagar necessario para o desempenho d'este pensamento; e por isso me limitarei a indicar as poucas variantes que nella encontrei, e apenas aventurarei alguma reflexão grammatical assaz obvia que possa servir-lhe de illustração, e de motivar as pequenas alterações, que ousei fazer-lhe.

(1) Que alagas impio com tyrana guerra.

(2) No original estava.

Tu que a simples virtude afina e inspira
Com suas mãos mimosas.

Pareceu-me que o relativo *que*, sem proposição que designasse perfeitamente a construcção grammatical do discurso, desfeava este epode; tanto mais, quanto a transposição dos verbos *afina*, *e inspira* fazendo que a este ficasse immediata a clausula *com suas mãos mimosas*, a qual só diz respeito ao primeiro, augmentava a confusão da ordem grammatical, e já fazia o mesmo epode menos perfeito, e menos digno de constituir parte de uma composição tam bella, e tam elegante.

(3) Já em outro lugar notei que o verbo *resoar* he neutro; e por isso eu antes preferiria a este verso qualquer dos seguintes:

Não celebres o nome e a fama indigna

ou

Não pregoes o nome, e a fama indigna

Porém persuadido de que neste passo o autor quiz muito de proposito empregar aquelle verbo em significação activa, julguei que devia deixar subsistir esta novidade, e aos escriptores que se seguirem, a liberdade de adopta-la, ou rejeita-la segundo melhor entenderem, e julgarem conveniente para o aperfeiçoamento da lingua portugueza.

(4) No original estava.

He esta, Summo Bem, tua bondade:
Comunicaste sempre e em toda a idade.

(5) *Vestimento* he vocabulo, que não tenho lembrança de haver já mais encontrado em classico algum nacional. Entretanto a palavra *vestimenta* parece, e he geralmente considerada como privativa de certas vestes sagradas, e seria impropria d'este lugar: a desinencia em *ento*, e por tanto a liberdade que o Autor tomou de enriquecer a nossa poesia com mais um vocabulo, que lhe facilite exprimir-se com propriedade, sem sacrificar á rima os pensamentos, me parece assaz fundada para que deva subsistir.

ODE VI

SOBRE O MESMO ASSUMPTO. *

STROPHE I.

O' Sinai! ó montanha assignalada
Dos pés do Omnipotente!
Eu sinto inda soar a voz sagrada,
Que entre raios promulga a ley gravada } (1)
No espirito innocente
Do homem justo. O' livro grande e santo!
Tu me enches de assombro, horror, e espanto!

ANTISTROPHE I.

Um povo antigo attesta a integridade (2)
De tudo que em ti leio:
Com vivo fogo, augusta magestade
Me retratas do Eterno a potestade:
Do mundo firme esteio,
Unico, providente, e bom o aclamas,
E em fervoroso amor minha alma inflamas.

EPODE I.

Quem do commum naufragio (3),
Que o orbe inteiro em erros submergia,
Este povo salvou, e do contagio
Da cega idolatria?
Quem no meio de inhospito deserto
Do Immenso a mão lhe faz notar de perto?

STROPHE II.

E ainda temes, ó prezada lyra (4)!
Levantar ás estrelas
O sublime mortal, que Deus inspira,
Que de celeste força revestira,
E mil virtudes bellas?
O' Moysés! tua voz não me allucina:
A voz, que soltas, he a voz divina.

ANTISTROPHE II.

Fervendo em santa ira abrazadora (5)
Os crimes reprehende
Do Hebreo ingrato, cuja fé traidora
A luz quebranta, que tua alma adora:
Seguro a vara estende;
Eis vejo a natureza espavorida
A teos pés humilhar a frente erguida.

EPODE II.

O povo, de que es guia,
Mil vezes entre as brenhas estremece:
Ao ver que a terra, o mar, a noite, o dia,
Que tudo te obedece;
Messageiro fiel da Divindade
Te reconhece, e afirma em toda a idade.

STROPHE III.

Serás tu, por ventura o prometido
Medianeiro amavel?...
Ah! tu vens predize-lo, e em tom subido
Entoas de Jacob o recebido
Oraculo adoravel.
Quem he pois esse augusto messageiro,
Que o pranto hade enxugar ao mundo inteiro?

ANTISTROPHE III.

Já de Jacob o sceptro não impunha
Judá, e pressurosa
A semana correu que affoito expunha
O casto Daniel, quando compunha
De Gabriel formoso
Ao fatidico aceno: «Onde he que o Justo
Para sempre assentou seo trono augusto?»

EPODE III.

Qual bussula, agitada
De embravecido mar, oscila errante,
O Norte não atina; tal anciada
A minha alma inconstante
Crê, presume, vacila, incerta treme,
E em duvidas crueis afflicta geme.

STROPHE IV.

Brioso Gedeão, Sansão robusto,
Cujo semblante duro
Ao longe difundia frio susto;
Guerreiro Jossué, vos sois do justo,
Que ancioso procuro,
Escassa sombra, por mais alta empreza,
Que abone a vossa illustre fortaleza.

ANTISTROPHE IV.

A brilhante fortuna, ajoelhando (6)
De Salomão potente
Junto ao trono lá vejo, derramando
Com mão profusa, gesto ledo e brando,
De seos bens a torrente:
Mas ah! que elles não são mais que a pintura
Dos verdadeiros bens de eterna dura!

EPODE IV.

O' cantor portentoso
Das grandezas do Nume soberano!
Se aterraste o gigante pavoroso,
Se o destroncaste ufano,
Imagem es do vencedor da morte;
Mas não he, como o seo, teo braço forte.

STROPHE V.

Vem aclarar-me, terno Jeremias,
Que de suave pranto
Meo peito banhas: ó fervente Elias!
E tu, sublime energico Isaias:
Vinde apontar-me o Santo
Das nações, longo tempo suspirado.
Tantas vezes por vós profetisado.

ANTISTROPHE V.

Eu oiço suspirar com voz doente
Um varão abatido;
A virtude o rodêa refulgente;
Descora ao ve-lo o vicio, e de repente
Se esconde espavorido.
Tudo quanto a vaidade humana preza
Placido e firme, impavido despreza.

EPODE V.

Seos discursos respiram
A lingoagem singela da verdade,
O amor da justiça, a paz inspiram,
A ardente caridade.
Acaso, ó Céos! ó Golgotha tremendo!
He o homem Deus, que eu vejo em ti morrendo?

STROPHE VI.

Em pobres palhas inda tenro infante
Envolto se recosta;
Tu o viste nascer, ó radiante
Venturosa Bethlem, e triunfante
A tua frente arrosta,
Qual os cedros do Libano copados,
Do voraz tempo os golpes redobrados.

ANTISTROPHE VI.

De Tharsis e Sabá, dons preciosos,
O berço lhe adornaram;
E em seos muros os povos revoltosos
Do Nilo o viram, quando saudosos
Ternos ais retumbaram
Em Ramá, e Rachel triste chorava
Os Filhos, que mão impia lacerava.

EPODE VI.

Qual vencedor piedoso,
Da paz serena augusto messageiro,
Elle se mostra sem estrepitoso
Aparato guerreiro,
Em singelo triunfo meigo e brando,
Jerusalem afflicta consolando.

STROPHE VII.

Ergue a face, ó Sion! sacode altiva
O pó do teo semblante:
Trasborda de alegria pura e viva:
Eis o teo Redemptor, que a foice esquiva
Do crime vem constante
Embotar: eis aquelle grande dia
Que Abraham, que Jacob te promettia.

ANTISTROPHE VII.

Escuta a voz, que no deserto brada
Do precursor austero,
Que havia preparar-lhe a ardua estrada.
Vê como a natureza olha humilhada
O aceno severo
De teo Senhor, vê como lhe obedece,
Como por Creador o reconhece.

EPODE VII.

O mar encapelado,
O sostem sobre as ondas, que se espantam,
E adora humilde os pés do Ser amado
Que os céos, e a terra cantam:
Judá retumba a voz sublime e forte
Que Lazaro arrancou das mãos da morte.

STROPHE VIII.

Mas que languor, ó Musa, se apodera
Da tua amortecida,
Chorosa voz? Já frouxa não se esmera
Em acordar-se aos sons da lyra austera
Que recusa sentida
Seguir a mão que, o plectro meneando,
Com ella aos astros se ia remontando.

ANTISTROPHE VIII.

O' natureza! cobre-te de luto
E nunca o teo semblante
De terno pranto faças ver enxuto:
Não brotes mais, ó Terra, doce fructo!
Teo curso triunfante
Detem, ó Sol! e finde essa harmonia,
Que os altos céos entoão noite e dia!

EPODE VIII.

De sangue está banhado
O justo, em afrontosa cruz pendente:
O Senhor do Universo transpassado
De dor acerba, ingente:
Tirano povo as vestes lhe sortea:
E traição o vendeu, horrenda e fea.

STROPHE IX.

Os macerados olhos lhe circunda
Piedosa ternura,
No coração ajunta á dor profunda
Os doces sentimentos em que abunda,
E do Pai só procura
O perdão dos algozes, que o cravavam,
E no seo sangue as impias mãos banhavam.

ANTISTROPHE IX.

O' Ser eterno! que impressão derrama
A tua horrivel morte
Dentro em minha alma! Que abrazada chama
De terna gratidão meo peito inflama!
O' Deus, e desta sorte
Quizeste que o perdão fosse sellado
Aos criminosos do fatal peccado!

EPODE IX.

Ao clarão luminoso
De inspirados profetas, que cantaram
Os factos, que contemplo fervoroso,
As duvidas se aclaram.
Ah! rende, ó Musa, o teo inquieto sp'rito
E de alegria banha o peito afflicto.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Entre todas as composições do autor era esta ode aquella cuja correcção lhe mereceu menos desvelo, sendo talvez a que mais o merecia; e por isso foi tambem aquella em que pratiquei alterações mais notaveis, e em maior numero: apontarei aqui as principaes. Entretanto seja-me licito dizer que, entre todas as odes sacras de meo defuncto amigo, nenhuma conheço, em que mais se manifeste o seu estro poetico, em que resplandeça maior erudição, melhor escolha de imagens, mais nobreza de dicção, nem mais força e deducção nos argumentos. Estes se dirigem umas vezes ao entendimento, outras ao coração, outras á imaginação, e d'este modo elle emprega habilmente todos os meios de persuasão (sem desmentir da dignidade propria do genero de poema que escolhera para expôr em toda

a sua magnificencia as idéas sublimes e grandes, que se propoz indicar aos homens) revestidos com os brilhantes atavios, e magestosos ornatos da mais elevada poesia lyrica. A' excepção da ode *ao homem natural*, que publicarei entre as suas poesias profanas, não conheço composição alguma poetica nas lingoas vulgares que exceda, nem talvez possa entrar em paralello com esta producção, verdadeiramente original, de um genio extraordinario tanto na sua força, como na sua vastidão.

(1) No original mais correcto estavam estes trez versos da maneira seguinte:

Eu cuido ouvir soando a voz sagrada
Que entre raios lembrava a luz gravada
No peito inda innocente.

Parece que a imaginação do poeta se exalta de maneira, com a lição dos livros de Moyses, que se lhe figura ouvir ainda soar a voz do Omnipotente, quando do alto do Sinai dictava os preceitos do Decalogo ao povo Hebreo aterrado pela vista das nuvens inflamadas, pelo medonho estrondo dos trovões, e pelo terrivel som das celestes trombetas, que ânnunciavam a presença do SENHOR. Entretanto o verbo *eu cuido*, mostrando que a illusão do poeta não era perfeita, diminue a força da imagem: e a clausula *ouvir soando* parece involver uma redundancia; pois nenhuma outra cousa se ouve se não sons; e portanto quem diz *eu oiço uma voz*, diz tanto como quem diz *eu oiço uma voz soando*. *A lei gravada no peito* innocente seria clasula preferivel a de que usei, se a lei do que se fala fosse puramente sentimental. Ella he porém em grande parte racional, ou verdadeiramente he toda racional. S. Paulo

disse que sentia na sua carne uma lei contraria á do seo espirito. Qual he o homem que não experimenta sentimentos contrarios aos dictames da razão? Poderia dizer-se que esta contradicção entre a carne e o espirito, ou entre os sentimentos e a razão, he consequencia do peccado; e que antes d'elle, isto he, nos momentos em que nossos primeiros pais existiram innocentes em o Paraizo terreal, estes dois principios da actividade humana não eram discordes como agora. Assim será; mas que necessidade ha de falar nos homens na hypothesi de um estado de que elles não fazem idea? Pelo menos deve convir-se em que a lei de DEUS he sempre racionavel, qualquer que seja o estado em que o homem se considere. Eu não insistirei mais sobre a validade de minhas razões; emendando como entendi, cumpri com a recomendação do meo amigo: e offerecendo aos leitores a lição dos versos que existiam no original, deixo a cada um a liberdade de escolher o que melhor lhe parecer; certo aliás de que discussões d'esta natureza não serão inuteis para aperfeiçoar o gosto das pessoas dadas ao estudo da poesia.

(2) Os primeiros dois versos d'esta antistrophe estavam assim no original:

Um povo antigo jura a integridade
De quanto em ti eu leio.

Não sei se alguns escritores Rabinos asseveram tam positivamente a integridade do Pentateuco, que tenha lugar o dizer-se que o povo Hebreo jura a integridade dos livros de Moyses. Sei que a historia n'elles contida he igualmente referida por Josepho, e geralmente acreditada pelos Rabinos. Entretanto he evidente que

alguns capitulos do Deuteronomio, que tratam dos ultimos successos da vida de Moyses, da sua morte, e de alguns factos posteriores a ella, não foram, nem podiam ser escritos pelo mesmo Moyses. O Pentateuco foi sem duvida alterado ou acrescentado por Esdras, quando se lhe encarregou a revisão e a compilação dos livros sagrados dos Judeos, depois da sua volta do cativeiro de Babylonia; ou por algum outro Rabino ou sabio Judeo que depois d'elle viveu. Se Esdras he, como alguns supoem, e eu tenho por provavel, o autor dos dois livros intitulados Paralipomenes, ou das coizas omitidas nos outros livros sagrados dos Judeos, o livro do Genesis foi sem duvida por elle acrescentado. No capitulo 36, os versiculos, que decorrem des de N.º 31 ate 40, contem o mesmo que os versiculos que no Capitulo 1.º do livro primeiro dos Paralipomenes decorrem des de N.º 43 ate N.º 50. Ora he claro que Esdras não escreveu estes versiculos nos Paralipomenes, ou livros das coizas omitidas; se não por que no seo tempo a materia que constitue o seo objecto se não achava em nenhum dos livros sagrados dos Judeos; e por tanto he por Esdras, ou depois do seo tempo, que elles foram acrescentados ao livro do Genesis: esta só prova parece-me bastante para uma nota; e por isso me dispenso de indicar as incoherencias geographicas, e chronologicas, que igualmente autorisam a suspeita de que o Pentateuco se não acha na sua primitiva integridade: bem que aliás em tudo mereça o nosso mais serio e profundo respeito. Deixando porém discussões historicas e criticas, e limitando-nos ás puramente poeticas, devo dizer que eu bem quizera ter substituido a palavra *genuinidade* ao vocabulo integridade; porém não cabia

no verso, e por tanto foi forçoso que permanecesse a voz integridade, a qual cumpre que se refira ás coisas contadas n'aquelle livro, e não ao livro mesmo, para salvar as difficuldades indicadas.

(3) Este epode acha-se no original da maneira seguinte:

Quem do commum naufragio,
Que o vasto mundo em erros submergia,
Este povo salvou; e do contagio
Da cega idolatria
O desempesta, intrepido pintando
Do grande Ser o nome venerando.

Não me agradou a idea de vastidão unida neste logar á idea de Mundo; pois parece mais relativa á sua extensão do que ao numero dos seos habitadores. Tambem me não agradou a pintura do nome de *grande Ser*: nem me parece que Moyses carecesse de intrepidez para referir as maravilhas do SENHOR na creação do mundo, e na salvação do povo Hebreo do cativeiro do Egipto. A maneira pela qual este extraordinario chefe do povo de DEUS o desempestou da idolatria do Bezerro de oiro não foi por certo escrevendo; foi punindo-o, e ameaçando-o em nome do SENHOR, e isto de um modo tam violento e duro, que não acreditaria de sorte alguma a sua humanidade, nem mesmo o seu zelo da honra do ser Supremo, se não tivessemos aliás a certeza de que elle obrou animado de inspiração divina. Vinte e trez mil homens foram nesta occasião passados á espada de ordem de Moyses; e para que o restante do povo ja aterrado de tam duro castigo, e horrivel carnagem se

humilhasse diante de DEUS, e fizesse penitencia como convinha, elle lhe comunicou os terriveis ameaços que o Omnipotente lhe havia ordenado de annunciar-lhe por efeitos de sua misericordia.

(4) Esta strophe estava no original como segue:

E ainda temes, minha amada lyra,
Levar té as Estrelas,
O sublime mortal que um Deus inspira:
Que de divina força revistira,
E mil virtudes bellas!
O' Moyses! tua penna não engana,
E um Deus segura tua mão ufana.

O adjectivo numeral *um* unido á palavra DEUS, sempre superfluo quando se falla do unico verdadeiro DEUS, sabe a Gallicismo: e a repetição dentro de uma mesma strophe desfea algum tanto uma composição lyrica, aonde a riqueza deve igualar a pompa e a elegancia da dicção.

(5) Esta antistrophe acha-se no original da maneira seguinte:

Fervendo em zelo a voz ergue sonora,
Os crimes reprehende
Do Hebreo ingrato, cuja fé traidora
A lei quebranta que teo peito adora.
Altivo a vara estende
O homem immortal; e espavorida
A natureza abaxa a frente erguida.

(6) A antistrophe 4.ª que julguei dever emendar, principalmente pela especie de amfibologia que encer-

ram os primeiros tres versos, me parece com tudo digna de transcrever-se.

Esta era como se segue:

Aos pés do trono vejo ajoelhando
De Salomão potente
A fortuna, e humilde debruçando
A face encantadora, que espalhando
Está de bens enchente:
Elles são d'outros bens só a pintura,
E mal retratam sua formosura.

(7) Na strophe 6.ª se liam os ultimos quatro versos da maneira que se segue:

Venturosa Bethlem, e triunfante,
O cume teo se encosta
Desde então entre os cedros elevados
Que o Libano admira em si plantados.

Julguei dever altera-los, por não me agradar eterno cume, aplicado a uma cidade, nem a admiração do monte Libano por ver cedros em si plantados: talvez porêm que estas idéas agradem a imaginações mais poeticas do que a minha.

ODE VII

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

STROPHE I.

Entre azuladas undulantes chammas (1),
Que em turbilhões de fumo envoltas ardem
No lago triste e horrendo,
Onde irosa se mostra a mão potente
Do Deus immenso e justo,
Teo tortuoso collo, ó vil peccado,
Em vão raivoso, sem cessar agitas!

ANTISTROPHE I.

Inimigo fatal do bem supremo,
Com atrevido braço te arremeças
Para arrancar-lhe o sceptro,
Que sobre a eternidade se reclina:
Ululando te arrastras
Nas entranhas do abismo, e furioso
A ti proprio lacéras e devoras.

EPODE I.

Ao medonho rugido (2)
Do Leão de Judá estremecendo,
Só infame baxeza,
O monstro patentea ;
Em vão astuto a piedade implora
Do Senhor irritado, a quem detesta.

STROPHE II.

Eis, ó parto infeliz da iniquidade,
O teu retrato : nelle os olhos fita.
Tremes de horror?... Não deixes
Em teu peito extinguir doce esperança.
A bondade infinita,
O Christo do Deus vivo em si teos crimes
Gravou e submergiu-os no seo sangue.

ANTISTROPHE II.

Baxai do ceo, virtudes soberanas,
De flores coroai a nivea frente,
Olhai-me enternecidas :
Eu já não sou o misero, que a dura
Ingratidão mesquinha
Com seu sello marcára : mão divina
Apagou o signal, e renovou-me.

EPODE II.

Sublimes sons e novos
Desfere, ó lyra, das sonoras cordas;
Prende, arrebata, encanta
Os ceos, a terra, as ondas;
Repassa meos harmonicos ouvidos
De celeste suave melodia.

STROPHE III

Espiritos ardentes e ditosos,
Que do grande Adonai o trono excelso
Rodeais reverentes,
Dizei-lhe que o seo filho, o seo amado,
A sua imagem bella,
Já com seo sangue borrifou a terra,
E consumou a sua nobre empreza.

ANTISTROPHE III.

Ao ver o vivo amor, que te consome, (3)
O sangue que derramas carinhoso,
O' Christo do Deus vivo,
Reconheço o meo Deus, o ser eterno
De inefavel bondade,
Que ás suas obras quer communicar-se,
Mais e mais em si mesmo transforma-las.

EPODE III.

Qual namorado Esposo (4)
Olha, contempla, e transportado admira
O rosto delicado
Da terna meiga Esposa,
Assim minha alma absorta, o Deus eterno
Abrazada de amor humilde adora.

STROPHE IV.

Revolve, ó mão perjura, que pretendes
Teo Redemptor ferir com dura guerra,
Os factos que, volvendo
O tempo a roda lubrica, deixara
Salvar do abismo escuro,
Onde tudo desfaz, tudo amortece,
E em eterno silencio ao mundo esconde.

ANTISTROPHE IV.

A lucida evidencia do suberbo
E grandioso timbre, que lhe dera
A brilhante verdade,
Historia não gravou com força tanta,
Como aquella que narra
As maravilhas do Pastor divino,
Do Mestre de Israel, Senhor do mundo.

EPODE IV.

Onde vês levantando (5)
Seis constantes varões a nobre frente,
Jurar que fieis pintam
Factos por elles vistos;
E firmes no medonho cadafalso,
Com seo sangue sellar o juramento?

STROPHE V.

Pode o erro feroz espessa venda
Em cor negra tingir, e astucioso
Trez vezes envolvê-la
Em torno aos olhos de illudida gente:
Quando aerios systemas
Sublimes pontos explicar pretendem,
Que uma fraca razão mal descortina.

ANTISTROPHE V.

Mas não pode, por mais que a venda engrosse,
Retratar á meos olhos perspicazes
Emperrada doença,
Cedendo vezes mil á voz de um homem,
Encolhida fugir; e a morte fera
Os tumulos abrindo
As victimas soltar que devorara:
Não chega a tanto magico prestigio.

EPODE V.

Tem martyres cruentos
De infames Seitas esteiado a gloria:
Mas só tu, ó amavel
Religião divina,
Contas altivos martyres que attestam
Ter visto o que rubricam com seo sangue.

STROPHE VI.

O' Tabor! ó logar santo e invejavel,
Onde Pedro em delicias embebido,
Morada Sempiterna
Pretendia assentar: ó doce annuncio
Do celeste banquete!
Do ungido do Senhor entòa a gloria,
E as maravilhas suas apregòa.

ANTISTROPHE VI.

O' tu, entre os discipulos amados,
Sublime Evangelista, por um pouco,
Dos Céos á terra desce!
Vem com divinas cores esbossar-me
O dia esperançoso,
Em que da morte conquistou o imperio
O Leão de Judá com braço forte.

EPODE VI.

Já estala e se aparta
A lisa pedra que orgulhosa intenta
Encerrar o Deus vivo.
Atonitos, prostrados
Por terra jazem os crueis soldados
Que o sagrado deposito vigiam.

STROPHE VII.

Não permitas, Senhor, que a immunda e torpe
Corrupção com seo bafo pestilente
Contamine o teo Santo.
Embraça prompto o diamantino escudo;
Com elle, firme o cobre:
Inunda-o de prazer: da mão te brota
Inexhaurivel fonte de delicias.

ANTISTROPHE VII.

O' abrasado Pedro, ó fervorosa
Amante Magdalena, quem te prende
Os vagarosos passos?
Corre anciosa, vôa, vê, e adora
O teo divino Mestre,
Que triunfante surge, e valoroso
Da morte piza o indomavel collo.

EPODE VII.

Sim, Thomé, não hesites (1),
Examina as recentes cicatrizes
Das amorosas chagas
Que os homens resgataram
Do crime universal. He elle, he elle!
De jubilo exultai, ó Ceos, e Terra.

STROPHE VIII

Vós o vistes, discipulos ditosos,
Glorioso esquadrão, que vos nutrieis
De amor puro, e divino:
Multidão venturosa que, agitada
De pasmo e de alegria,
Adorastes o Deus clemente e santo,
Já do seio da morte resurgido.

ANTISTROPHE VIII.

Este o facto inaudito que sellaram,
Com seo sangue, e no seio dos oprobrios,
Constantes repitiram:
Tanta firmeza, ó Erro, nam inspiram
Teos miseros sophismas:
Impavido arrostrar morte afrontosa
Só he dado a varão piedoso e justo.

EPODE VIII.

Qual rompe o sol, e ardente
Dissipa a espessa denegrida nevoa,
Que tolda a escura terra;
Assim luzentes raios
Sobre o espirito meo esta verdade
Derrama, e d'elle as nuvens afugenta.

STROPHE IX.

O' Musa, que me inspiras animosa,
Novas cores ajunta ao nobre quadro
Que suberbo desenhas:
Ouve o guerreiro estrepito que atroa
Os deplorados muros
Da misera Siom: vê como a cinge
Romana bellicosa soldadesca.

ANTISTROPHE IX.

Já batem os ar'etes horrendos
Com medonho fragor as suas torres;
A descorada fome,
O odio, o horror, por toda parte a investem,
E o venenoso vulto
Ergue a peste lethal, medonha e fera,
Mortaes flechas em torno arremeçando.

EPODE IX.

Que scena, ó Céos, avisto!
Lá rasga Mãe cruel o tenro peito
Do misero filhinho!
Já sobre ardentes brasas
Lacerado o arroja, e deshumana
Ceva a fome na carne que gerara.

STROPHE X.

Jerusalem rebelde, vê alçando
O horrido semblante no teo seio
O crime furibundo:
Já freme a crepitante labareda
Em torno do teo templo:
Em vão procuras extingui-la: irado (8)
Divino sopro a voraz chamma atea

ANTISTROPHE X.

Tuas culpadas ruas estremecem:
Por toda parte a morte te rodea:
Cahida em terra jazes,
De lividos cadaveres juncada:
Nunca mais o teo templo
Se erguerá; e o teo povo vagabundo
Será d'oprobrio e dor fatal objecto.

EPODE X.

O' Messias divino, (9)
Tu assim fielmente o prediceste!
Cumpriu-se o vaticinio:
O cego errante povo,
Escarneo das nações, ao mundo rende
Da tua Divindade clara prova.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Esta ode, supòsto que inferior ás antecedentes, he com tudo admiravel pela força dos argumentos; pela viveza das imagens; e pelas figuras da dicção mui habil e dignamente empregadas. A comparação das correcções que lhe fiz, com o original, bastará pela maior parte para fazer sensiveis as razões que me determinaram a preferir as alterações que pratiquei. A primeira foi nesta strophe, a qual quasi inteiramente mudei: ella estava no original da maneira seguinte:

Entre *ferventes* chammas abrazadas,
Que denso escuro fumo envolve, *esconde*
No lago triste e horrendo,
Que a colera creou de *um* Deus potente,
Teo enroscado collo
Eu te vejo agitar, ó vil Peccado;
E de bramidos atroar o Averno.

(2) Eis aqui como se achava no original este epode:

De terror abatido,
O monstro ás vezes abrandar forceja
O Deus que impio aborrece:
So misera baxeza
Descobre em si, e reo de culpa immensa
Sacrificio não tem, comque apagal-a.

A clausula *abrandar forceja* conciderada na ordem natural da gramatica, não he construcção Portugueza: e contemplada como modo de falar figurado, nem graça nem energia dá ao verso aonde está empregada. O artigo antes da palavra DEUS he ordinariamente tanto, ou ainda mais inadmissivel, de que o adjectivo numeral *um*. Substitui o verbo *patentea* á expressão *descobre em si*, por que *patentear* equivale a fazer visivel aos outros; e isto he sem duvida o que o poeta queria dizer; a pezar de que a clausula de que usou não o exprima claramente.

(3) A antistrophe 3.ª estava no original desta maneira:

Ao *soberano* Amor *que te consome*,
Ao sangue que fumega, e que derramas:
O Christo de Deus vivo
Reconheço, o meo Deus, o *Bem supremo*
Que *embebido* em bondade, etc.

(4) O epode 3.º estava assim:

Qual namorado Esposo
Olha, contempla e trespassado. . . . .
O rosto delicado,
A que terno anhelava:

Assim *de um Deus de Amor* sinto ferida
Minha alma arrebatar-se, e contempla-lo.

(5) . . . . Onde vês levantando
Seis varões sua frente virtuosa,
Jurar que fieis pintam
Factos por elles vistos:
Depois sobre medonho cadafalso
De seo sangue tingir o juramento?

Deste modo he que se achava o Epode 4.º

(6) No original lia-se esta strophe do modo seguinte:

Não permittas eterno Ser que ouse
A fea corrupção com toque impuro
Profanar o teu santo:
Embraça o diamantino escudo, e cobre
O seu corpo adoravel,
Embebe-o de prazer; da mão te pende
Infinito deleite, goso immenso.

(7) O epode do mesmo ramo, e a strophe immediata eram como se segue;

EPODE.

Vem infiel Apostolo,
Apalpa as refulgentes cicatrizes
Das amorosas chagas
Que o teo crime resgatam:
He elle: não duvides: alegrai-vos,
De jubilo exultai, ó Céos e Terra.

STROPHE.

Vós o vistes, Discipulos ditosos,
Glorioso Esquadrão, que se nutria
De amor casto e divino,
Mais de quinhentos humilhando o rosto
Entre vivos transportes
Adoraram o Deus resuscitado,
A Divindade amiga dos humanos.

(8) Estes dous versos estavam no original assim:

Em vão forcejas apagal-o; irado
Um Deus a chamma abrasadora accende.

(9) O ultimo epode era do modo que passo a transcrever.

O Messias divino,
Assim tu fielmente o predizias,
E os meos olhos encontram
O vagabundo povo,
Depois de tantos revolvidos seculos,
Da tua divindade sendo a prova.

ODE VIII

SOBRE O MESMO ASSUMPTO

STROPHE I.

Retumba emfim de Paulo a voz divina,
Escuta homem culpado:
Embora o escarneo vil, com mão ferina
A tua face torne impia e malina;
Verás ajoelhado
Todo o mundo adorar seo Mestre amado.

ANTISTROPHE I.

Vae, ó Musa, afinar outro instrumento;
Trase a lyra sonora
Do cisne de Israel: não visto intento,
Elevado inaudito pensamento
Me occupa e me namora,
Que requer voz sublime, e encantadora.

EPODE I.

Do Libano se abalam
Os cedros já de ouvir-me anciosos:
E os ventos furiosos
O seo zunido calam;
De perturbar meo canto temerosos.

STROPHE II.

Não sordida Avareza, nem cruenta
Ambição dèshumana,
Que de honras vans e sangue se alimenta,
A minha voz sincera move, e alenta:
Nem ja paixão insana
O peito dos mortaes cativa e engana.

ANTISTROPHE II.

Em longa assidua guerra combater-te
E depois de cortado
O merecido loiro, refazer-te,
Para de novo mais e mais vencer-te,
Até ver suffocado
O leão que em ti ruge concentrado.

EPODE II.

Esgotar valoroso
Amargo Calix; d'elle embriagar-te,

E como Reo portar-te
Ante o Deus justiçoso:
Eis o que venho, ó Homem, nunciar-te.

STROPHE III.

Do mundo a pompa e o frivolo conceito,
Armado de humildade,
Desprezar com sereno, ledo aspeito:
E ao esplendor, que exige vão respeito,
Frugal simplicidade
E a pobreza antepôr, e a caridade.

ANTISTROPHE III.

Eis a lei que promulga o Deus que desce
Dos Ceos á terra ingrata.
Que n'uma Cruz pendente se offerece,
Entre dores expira, e desfalece,
Entregando-se á morte
Para dos homens melhorar a sorte.

EPODE III.

Do tumulo horroroso,
Com magestade nova, eis ergue a frente:
E agora refulgente,
Mais que o Sol luminoso
Nos Ceos, inspira e brilha astro luzente.

STROPHE IV.

Assim Paulo falava, e sem abrigo,
Sem protector mundano,
Regenerar intenta o orbe antigo:
Com desprezo cruel, rosto inimigo,
O mede soberano
Do mundo o sabio lisongeiro e ufano.

ANTISTROPHE IV.

Armai-vos, ó terrenas Potestades,
Vibrai a ferrea espada
Do Senhor contra o Christo, atrocidades
Praticai, e mil novas crueldades;
Da vossa mão armada
Se ri a mão que faz viver o nada.

EPODE IV.

Eis rompe de Judea
Esquadrão abrazado em fogo ardente,
De um Deos justo e clemente
A sublimada idea
Derramando, entre a cega humana gente.

STROPHE V.

Quam bellos são os pés dos que annunciam
A candida verdade!

Os ternos olhos la dos Ceos desciam
Os celestes Espiritos, que os viam,
E da sua beldade
Se enamorava a mesma Divindade.

ANTISTROPHE V.

Quem, ó cobarde Pedro, te reveste,
De peito diamantino?
Tu já não es o fraco que temeste
Confessar o teo Mestre, que offendeste:
Firme e de pasmo dino
Da morte arrostras o punhal ferino.

EPODE V.

Pelo pó desolada,
Se revolve a confusa Idolatria,
E furiosa bramia
Vendo luzir alçada
A Cruz que o sangue do homem Deus tingia.

STROPHE VI.

Aparecei, ó Martyres altivos:
A veneranda frente
Dos sepulchros erguei, fazei aos vivos
Ver quanto algozes feros vingativos
Trabalham com ingente
Furia, por destruir a Fé nascente.

ANTISTROPHE VI.

Aqui em borbotões vejo fervendo,
Caldeiras abrazadas,
E'nellas mão tirana revolvendo
Os servos do Senhor, justo, e tremendo:
Navalhas afiadas
Ali giram em roda acceleradas.

EPODE VI.

Duro ferro buido
As carnes talha á timida donzela,
Que delicada e bella,
Com peito revestido
De divino vigor, os Céos anhela.

STROPHE VII.

Chammas, alfanges, cavalletes duros,
O oleo, o pêz fervente,
Grilhões, carceres fetidos, e impuros,
Não fazem vacilar os genios puros
Que inflama amor ardente,
Acceso pela mão do Omnipotente.

ANTISTROPHE VII.

Ao Christo do Senhor já mil altares
Votados aparecem,
Cheiroso incenso tolda os mansos ares,

Seo nome já povôa a terra e os mares,
Já os braços desfalecem
Dos que contra os seos servos se embravecem.

EPODE VII.

O' homem atrevido,
A mão omnipotente e vencedora
Respeita, e humilde adora,
Que o mundo enfurecido
Domou, e nelle a Cruz triunfante arvora.

ODE IX

SOBRE O MESMO ASSUMPTO

Que sopro agita a mente fervorosa,
Que em vós chameja, Apostolos sagrados?
Acaso do Interesse a mão impura
A move e desatina?

Ou antes de vangloria subtil fumo
A deslumbra, e em delirios exaltada
Vos impelle a correr precipitados
Por entre mil perigos?

Deixastes tudo, esposa, amigos, patria,
Um homem de amargura annunciando
Como supremo Nume, que se assenta
Sobre os fulgentes astros.

O braço levantais; eis que aterrada
Estremece ante vós a Idolotria:
E quererreis acaso que de novo
Seo bafo respiremos?

Não, homens immortaes, de vossos labios
Só pende a terna, candida verdade,
Ella a penna moveu com que traçastes
As regras da Justiça.

Honras, riquezas, sempre aos pés calcastes:
Amargo oprobrio foi a vossa herança:
Sem fausto e pompa, so de Deus o nome
Exaltar anhelastes.

Banhada do innocente puro sangue
De vossos corações, ainda fumega
A terra, que das garras arrancastes
Aos falsos mudos Deuses.

Cruento testemunho os factos sella,
Que retratastes com lingoagem limpa
Das falsas tintas que maneja astuta,
Afectação proterva.

Nunca igual singeleza da Impostura
Seguiu os passos tremulos e incertos.
Nunca a doce risonha Ingenuidade
Se mostrou tam visivel.

Do seio escuro da sombria Morte,
Glorioso surgir vistes o Filho
Do Eterno Padre, vistes vosso Mestre
Que humildes adorastes.

Quantas vezes, a sua voz potente
As ondas socegou: quantas da Morte
Quebrou a dura foice: e do sepulchro
Soltou as tristes victimas!

Vós o jurastes com constancia invicta,
E o mundo convencido adora o grande
Piedoso Deus, que a Fé no peito duro.
Lhe gravou compassivo.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Estas duas ultimas odes pelo estado imperfeito em que se achavam, e que mal pude disfarçar com minhas debeis correcções, devem ser olhadas mais como esbossos dos quadros que representam, do que como pinturas acabadas. Hesitei se as daria ao publico, mas como uma e outra, respirando a piedade que abrazava o espirito do autor, servem ao menos para da-lo a co-

nhecer, julguei, que devia assim mesmo publica-las, aplicando-lhes algumas emendas que não aponto por isso que da conservação dos logares originaes, que aliás seria forçoso transcrever, nem gloria pode resultar ao autor, nem instrucção propria a formar o gosto dos leitores ainda moços que se dispozerem a imita-lo na poesia. Entretanto não serão inuteis para os que se dispozerem a imita-lo na piedade, e virtudes Christans.

ODE X

A' PAIXÃO DE N. S. JESUS CHRISTO.

Treme Jerusalem: o Deus Supremo,
Do seo brilhante trono,
Co'a cabeça acenou, e o Céo tremendo
Promete grande estrago.
Eu já vejo teos muros abatidos,
Tuas casas, teos templos saqueados.
Aqui a Mãe perdida,
Palido o rosto, soltos os cabellos,
Sente arrancar-se o Filho,
Que ella ao peito chegando em vão defende.
As miseras entranhas
Dos velhos sacerdotes palpitando,
Fumegam junto ás victimas piedosas
Que a Deus sacrificavam.
Cessai, cessai, infames sacrificios:
Ouvi, ó Grecia, ó Roma,
De crimes horrorosos a pintura,
Que Nero não forjára.
O' Filha de Siom, no pó te assenta,
Cobre de humilde cinza o teo culpado
E fementido rosto.

Como ainda existis, ó Sol, ó Terra!
De duros ferreos malhos
Sinto soar os repetidos golpes
No Golgotha tremendo;
Rijos agudos cravos sem piedade
Rasgam crueis feridas: já semblante
Não tem, não tem belleza
Aquelle que domina sobre os astros,
De cujo aceno pende
Encadeada a ordem do Universo.
Quem fará no meo seio
De lagrimas brotar inesgotavel
Compassiva torrente? e noite, e dia,
De Judá sobre os crimes
Derramarei inconsolavel pranto.
Quaes esfaimados lobos,
Quaes leões rugidores se aparelham
Sanguinosos verdugos,
E mil novas cruezas inventando,
De verde negro fel a féz offerecem
Ao Deus da natureza.
Entre horrores, a Morte involve a face
Do proprio Author da vida!
Escurece-te, ó Sol, no meio dia
A noite negra e fêa
Do esquadrão das trevas rodeada,
Sob o manto nublado, o teo luzeiro
Abate triunfante.
Esconde-te, Israel; mirrados corpos

Surgem das frias campas:
Treme o Orbe de horror: fendem-se as pedras:
Do Templo o véo se rasga:
Em geral luto envolta a Natureza,
« Que fizeste, Israel? » te está bradando.
Jerusalem, que vejo!
Quam differente estás d'aquelle antigo
Esplendor que luzia,
Quando sobre a montanha sublimado
Jehova legislava:
De trovões retinia o crebro estrondo,
Chamejavam relampagos, e em torno
Os ares encrespava
Denso fumo que o monte despedia.
Então a voz divina,
Entre o assombro da Terra, Céos, e Abismo,
Com paternal carinho,
Os preceitos lembrava, que gravára
No peito dos humanos. Dobra o collo,
O collo empedernido.
O' suberba Siom. Já não divisas
O Santuario augusto:
As tuas ermas ruas não te mostram
Mais que o pó que dissipa
O vento furioso; e Tito acaba
De provar o teu crime ao Mundo inteiro.

DEPRECAÇÃO I

A' VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA

Minha Mãe, meo refugio, e minha guia,
Humilde implora, a vossos pés prostrado,
Do meo Deus o perdão para mil crimes :
Valei a um desgraçado.
O' dia horrendo em que do Deus supremo
Eu o nome neguei, e resvalando
De peccado em peccado, ás brutas feras
Me fui assimilhando!
Ah! nunca mais o Sol seos raios vibre
Alegres neste dia; e de tristeza
Um lamento geral resoe em torno
De toda a redondeza.
Senhora, de quem sou um servo indino,
Com que palavras louvarei teo nome?
Tu foste a Aurora do formoso dia
Em que dos Ceos baixando,
A paz não duvidou seo niveo manto
Sobre a terra estender, puros deleites
Fazendo rebentar nos ferreos peitos
Dos miseros humanos.

Imagem bella do Supremo Nume,
Desenhada lá desde a eternidade,
E digna de mandar os Ceos, e a Terra,
De que es a Soberana!

O' Mãe do meo Senhor, embora irados
A carne, e o Mundo, e o barbaro inimigo
Que do Tartaro habita o lago immundo,
Contra mim se embraveçam.

Nada já temo : dentro no teo seio
Busquei seguro asilo. Tu que fazes,
Orgulhosa Suberba ? E tu, fumante
Brutal Sensualidade ?

Tremei : que raia emfim doce esperança
De ver-vos sotopostas aos clamores
Da razão que prendieis, usurpando
Os seus nobres direitos.

Fatal peccado do primeiro humano,
Que de idade em idade dominaste,
Nem sempre has de acurvar a enferma raça
Do homem desgraçado.

Vem Maria, vem ser o meo emparo
Minha libertadora, e minha gloria,
No meio dos peccados que me ofuscam
O Espirito abatido.

Qual cilicio apertado me comprimem,
Por toda parte, seos antigos laços :
Vem desprender-me da cadea infame,
Com que me tem ligado.

Vem salvar-me, ó Esposa do Deus vivo,
Pelo sangue do Deus, que sobre a Terra
Não duvidou morrer, para resgate
Do peccador ingrato.

DEPRECAÇÃO II

A' MESMA SENHORA

Esposa do Deus vivo, Templo augusto
Do Senhor que governa os Céos e a Terra,
Escuta os meos gemidos, e do abismo
Do peccado a minha alma desenterra.
O' das Filhas dos homens a mais bella,
Em cujo seio, amigas se abraçaram
A justiça, e a clemencia, e pelos homens
Com vinculo divino se ligaram.
Mãe de meo Deus, refugio esperançoso
Do peccador afflicto, vem depressa
Em meo socorro contra o vil imigo,
Que de bramir em roda nunca cessa.
Lembra-te, que na cruz cruel o sangue
Se verteu do teo Filho angustiado,
Para as chagas lavar torpes e impuras
Do peccador, que a culpa tem manchado.
O' doce pensamento, que derramas,
Lisongeira esperança no meo peito;
E a protecção benigna me asseguras
D'aquella a quem o Céo vive sugeito!

A' IMMORTALIDADE DA ALMA

SONETO.

Sim, eu sou immortal. Bramindo espume
A maldade cruel; e desgrenhada
Morda-se embora, pois não póde irada
Extinguir da razão o vivo lume.

Crêde, caros amigos, não consume
Do Tempo estragador a fouce ervada
Esta viva faisca, que abrasada
Cahiu do sopro do Supremo Nume.

O Justo sobre a Terra, aos Céos erguendo
Os algemados braços, e o tirano
Vicio no trono com o pé batendo,

Fazem fugir o refalsado Engano
Que em vão forceja, para ver gemendo
Da verdade o sisudo desengano.

NA PRESENÇA DE UMA GRANDE TROVOADA

SONETO.

Tremei humanos : toda a natureza,
Do seo Deus ao aceno convocada,
Sobre negros trovões surge sentada,
Em cruel furia contra nós accesa.

Do rosto seo escondem a belleza,
Medonha escuridade acompanhada
De abrazadores raios, e pesada
Saraiva que no ar estava presa.

Agora perde a côr de mêdo cheio,
O Monarcha feliz, e poderoso,
Que o vil orgulho abriga no seo seio.

Tu descoras tambem, Athêo vaidoso,
E menos cégo sem achar esteio,
A mão, que negas, beijas duvidoso.

FIM.